

Carlos Assis



Carlos Assis

ENCONTROS RELATIVOS

Rio de Janeiro, outubro de 2017

PARA CARLA GNATTALI.

© Carlos Assis, 2015

1ª edição, 2015

Revisão - Kátia Magalhães

Design Gráfico - Dulado Design

PARTE 01

01	PONTE AÉREA	14
02	O MENINO	20
03	A MENINA	30
04	O VOO RIO-SÃO PAULO	36
05	A VIDA DO MENINO	40
06	A VIDA DA MENINA	46
07	DESENCONTRO 1962	52
08	PANAIR	56
09	ANOS REBELDES	60
10	MARIA EULÁLIA	66
11	SUPER 8	70
12	RELATIVIDADE	76
13	ANOS DE CHUMBO	82

14	CORRENDO ATRÁS DO SONHO	86
15	DESENCONTRO 1982	90
16	MERCADO FINANCEIRO	94
17	A CARREIRA DE AVIADOR	100
18	O RITUAL ERÓTICO	104
19	A LEUCEMIA	112

PARTE 02

20	BOM DIA, SÃO PAULO	118
21	A RUPTURA	120
22	A ESPERANÇA	126
23	A VERDADE	132
24	O CONTROLE	142
25	O DEMÔNIO	144

26	O POUSO	152
27	O C47	156
28	O ENCONTRO	164
29	O ACIDENTE	168

PARTE FINAL

30	FINAL	174
-----------	-------	-----

PARTE 01



01 PONTE AÉREA

— Uma janela à direita, mas não sobre as asas, por favor.

A atendente do check in desviou os olhos do terminal do computador, mirando com atenção aquele passageiro, um senhor grisalho por volta dos 60 anos. Inicialmente atraída pelo aroma de seu perfume, que pode sentir quando ele lhe estendeu a mão para entregar o documento de identificação, a funcionária o observou discretamente. Esbelto, trajava uma calça de tecido cinza, combinada com uma camisa social sem gravata e um blazer azul-escuro. Ela notou o monograma discretamente bordado no bolso da camisa, que deduziu serem as iniciais de seu nome.

— Pois não, senhor. Vou tentar bloquear este assento. O voo não está cheio, tenho várias opções no corredor mais à frente, o senhor prefere?

Ela fez a pergunta com toda a naturalidade, pois a grande maioria dos passageiros habituais, dentre os quais aquele senhor, que parecia frequentar aviões, costumava preferir assentos no corredor e mais à frente, devido à rapidez no embarque e no desembarque, e à liberação de um caminho rumo ao banheiro. Os executivos usuários da Ponte Aérea geralmente priorizam a leitura do jornal ou o trabalho em seus notebooks àquela mesma vista de sempre observada pela janela.

Ele abriu um sorriso largo e disse:

— Obrigado, mas prefiro o assento que mencionei. Sabe, eu voo

na Ponte Aérea há mais de 30 anos, desde os tempos do Electra II, em que a senhora certamente nem era nascida. No entanto, não me canso de admirar esta vista, pois é, sem dúvida, o trecho aéreo mais lindo do mundo.

Meu Deus, que charme de homem. Parece o Sean Connery - pensou a atendente.

— Pois não, senhor. Aqui está, assento 22F. O embarque será em 20 minutos. Tenha uma excelente viagem.

— Muito obrigado - respondeu ele sorrindo.

Virou-se e olhou o cartão de embarque, um pedaço de papel amarelo que havia acabado de sair de uma pequena impressora, lembrando-se do tempo em que era necessário portar uma passagem, que, de tão importante, vinha envolta por uma capa com o símbolo da cia aérea, contendo inúmeras vias, uma para cada trecho do percurso. No momento do check in o atendente do balcão destacava a via correspondente e dava ao passageiro um cartão duro, plastificado, de determinada cor que representava o seu horário. Os voos saíam a cada meia hora e no momento da entrada no avião o cartão era recolhido, sendo reaproveitado então para algum voo mais tarde. A diversidade de cores dos cartões de embarque nos bolsos dos passageiros na sala de embarque mostrava, nas noites de chuva, o atraso habitual nos voos, que fazia com que inúmeros passageiros de diferentes voos lotassem o espaço simultaneamente, aguardando a melhoria nas condições meteorológicas. Este sistema de controle de

PANAIR DO BRASIL, S.A.
PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM
SERVIÇO DE PASSAGEIROS — SÃO PAULO

S Sérgio Rodrigues

Após cumprir as formalidades das autoridades locais, a REPRESENTANTE DO SERVIÇO DE PASSAGEIROS terá prazer em indicar o carro que o transportará ao Hotel Facano, onde conseguimos acomodações para V. Sa., de acordo com as condições locais.

Para continuação de sua viagem estamos mantendo reserva em seu nome para _____ no dia _____

O Snr. será chamado às _____ AM.

Um carro partirá do hotel às _____ AM para transportá-lo ao aeroporto.

O avião partirá deste aeroporto às _____ AM.

, ___/___/ 1962

AFIM DE FACILITAR O NOSSO SERVIÇO PEDIMOS
NOS ENTREGAR SUA BAGAGEM ANTES DO CAFÉ

voos por cores era curioso, pois todos sabiam com facilidade quem estava em que voo, e inumeras cantadas e abordagens para bate papo se construíram a partir da identificação da cor do cartão de embarque de outro passageiro.

Ele caminhou pelo saguão em direção à sala de embarque, já na nova ala do Santos Dumont. Apesar de bem mais moderno, este se tornara um ambiente mais frio, diferente do saguão aberto com altos pilares que sempre caracterizou este aeroporto urbano.

Não havia mais tempo e sequer ambiente para aquele Whisky que costumava degustar relaxado antes do embarque, na época em que, durante o voo, ainda eram servidas novas doses da bebida, bem como lanches e drinks. Agora, se a sorte o favorecesse, ganharia uma mísera barra de cereal.

Eu estou muito saudosista hoje. Nos meus áureos tempos, estaria sentado em um charmoso American Bar, sendo muito bem atendido.

Teve seus pensamentos interrompidos pelo segurança do embarque, que gritava:

— Próximo, por favor.

Agora, para tudo havia um raio x, uma inspeção, um mecanismo de vigilância qualquer, e voar nunca mais tivera o mesmo sabor após o 11 de setembro.

— Tem notebook? - perguntou a segurança, com uma voz estridente e impaciente.

Sabia que teria de remover o notebook do interior da bolsa, mas havia fingido não entender a pergunta, para não se dar ao trabalho. Retirou o computador, esvaziou os bolsos, se desfez de celular, chaves, e, ao passar, ouviu o apito, e teve de voltar e tirar o cinto, para só então conseguir liberar-se.

Que merda. Isto é um saco.

Caminhou em direção ao portão de embarque, na expectativa de que não houvesse mudanças. Hoje em dia, o número do portão de embarque mencionado nos cartões impressos é quase que decorativo, pois, na grande maioria das vezes, este é alterado na última hora, e só se vê aquela caravana de passageiros que, após uma longa espera pelo local indicado inicialmente, correm esbaforidos pela sala de embarque em busca de outro portão, quase sempre situado no outro lado do terminal. Pensou em comer alguma coisa no bar, mas as filas e a incompetência no atendimento eram tão escandalosas, que não se dispôs a enfrentar tal sacrifício.

Há anos se fala da péssima qualidade de nossos aeroportos mas eles continuam esta droga.

A despachante deu início à chamada, e ele ficou observando aquela senhora, que conhecia tão bem. Há quase trinta anos ela fazia o mesmo embarque, desde os áureos tempos da ponte aérea. Agora, chamava o voo trajando um uniforme laranja, que em nada remetia ao charme das vestimentas de outrora.

Embarcou e, finalmente, ocupou seu assento na janela do lado direito, distante das asas.

Ele acompanhou pela janela, à direita, a movimentação do avião, que taxiava em direção à cabeceira norte da pista, o que significava que iria decolar pelo lado do Pão de Açúcar. Era um início de tarde ensolarado de inverno, e o azul do céu contrastava com a mar e as montanhas.

— Atenção, tripulação. Decolagem autorizada.

O avião acionou os motores com toda força, mas mesmo assim o comandante manteve a aeronave freiada. Este procedimento era

necessário pois no caso do Santos Dumont a pista era bastante curta, exigindo potência máxima para a partida. O piloto soltou a aeronave, que começou a ganhar velocidade na pista. De sua janela podia ver os prédios do centro da cidade do Rio de Janeiro correndo à sua direita, até que o bico se levantou e começaram a ganhar altura, em uma curva à esquerda, para evitar a colisão com o Pão de Açúcar.

Começava ali o trecho aéreo mais lindo do mundo.

Enquanto olhava pela janela, lembrava-se da incrível história que se passara naqueles longos anos, desde o início da década de 60, até aquele dia de 1997, que mudaria, para sempre, a vida de todos.

O Pão de Açúcar aparecia inteiro na sua janela, enquanto era contornado pelo avião, que buscava posicionar-se em paralelo à praia de Copacabana. Logo ao fundo, já via o Corcovado e à sua direita, toda a cidade que se descortinava até a zona norte, cortada ao meio por uma cadeia de montanhas cobertas pela mata, que delimitavam a estreita faixa de terra que formava a Zona Sul, entre o mar e a montanha. Voaram até a altura das ilhas Cagarras, concluindo, então, uma curva à direita. Naquele instante, a aeronave havia se posicionado na rota de ida da Ponte Aérea, que consistia no sobrevoos por todo o litoral sul do Rio de Janeiro e norte de São Paulo, com a subida para o continente na altura de Santos. A viagem começa ladeando todo o litoral da cidade maravilhosa, do Leme ao Pontal, em uma vista de tirar o fôlego, atingindo, então, a Pedra de Guaratiba e a longa ponta da Restinga da Marambaia, que marca o início da formação da Baía da Ilha Grande.

As descobertas e desafios ensejados a partir daquela manhã de 1997 foram decisivos para a formação do homem que ele era hoje, bem como para todas as suas conquistas e perdas. Seus olhos continuavam a fitar a paisagem, agora observando a Ilha Grande e Angra dos Reis, que seriam sucedidas por Paraty, Ubatuba, Ilha Bela e outros lugares maravilhosos.

Sua mente, no entanto, mergulhou profundamente no exercício de reconstituir, passo a passo, os acontecimentos que haviam marcado a vida de todos e o levado até ali.



Naquela manhã de sábado ensolarada e brilhante de 1962, o Menino chegou agitado à sua casa no bairro carioca de Ipanema, vindo do seu colégio em Botafogo, onde passara a manhã jogando bola, após a aula de Educação Física.

O Colégio Jesuíta ficava na São Clemente e seu pai viera da cidade para buscá-lo, de bonde, partindo da Galeria Cruzeiro, atual Edifício Avenida Central, após papear com os amigos durante toda a manhã, em um dos cafés da Avenida Rio Branco.

Desde 1920, havia bondes que cruzavam a cidade de ponta a ponta, atravessando o Centro, a Zona Sul e a Zona Norte nos mais diversos pontos. Eles saíam da Galeria Cruzeiro em direção ao Leblon, passando pelo Largo do Bar 20. O trânsito era uma pitoresca loucura, em um entrelaçar suave de bondes, carros, lotações e ônibus.

O Menino viera no Bonde, carregando com orgulho sua bola de couro oficial número 5, e relatando a seu pai os detalhes sobre as partidas de futebol nas quais havia atuado como goleiro naquela manhã. O pai ouvia displicente, enquanto se aproximavam do Bar 20, pensando na já anunciada extinção dos bondes de Ipanema.

Sentirei saudades deste bonde.

Com a criação do Estado da Guanabara em 1960, o então Governador Carlos Lacerda, movido por interesses políticos que visavam o controle dos transportes coletivos, havia extinguido os bondes de Ipanema, por meio de ato publicado em 1962.

Desceram do bonde, e despediram-se do motorneiro.

— Boa tarde, Jurandir. Sentiremos muito sua falta.

— Nós também, Sr. Sérgio, por que não se junta a nós na próxima semana, no Bar Zeppelin? Vamos nos reunir para o porre de despedida dos motoneiros dos bondes de Ipanema.

— Vou tentar, Jurandir. Vou tentar. Boa tarde.

O Menino desceu com o pai, e ambos caminharam pela Henrique Dumont, em direção à Barão de Jaguaribe, onde moravam.

Na banca de jornais, o pai comprou figurinhas para o álbum da copa que o Menino vinha colecionando com dedicação. Embora já tivesse várias repetidas, por incrível que pudesse parecer, ainda não havia tirado a do Garrincha. Naquele ano em que o Brasil havia se consagrado bicampeão mundial na Copa do Mundo de Futebol no Chile, o Menino havia acompanhado, com entusiasmo, toda a trajetória vitoriosa da seleção. O pai comprou também um exemplar do Jornal do Brasil, onde leu preocupado as manchetes sobre a crise dos mísseis de Cuba, que poderia mergulhar o mundo na Terceira Guerra Mundial e na completa destruição do planeta.

Enquanto ambos caminhavam, o pai observava com cuidado a leve alegria daquele menino de oito anos, em sua empolgação na abertura dos pacotes de figurinhas. Era um garoto lindo, de cabelos

louros, bem claros, lisos e escorridos sobre o rosto, com olhos castanhos amendoados, traços delicados, magro, não muito alto para sua idade, dotado de um sorriso iluminado e gestos carinhosos. Aquela criança feliz, embora sempre brincando em um mundo próprio, no qual só ela parecia navegar, não era fechada nem alienada, pois conversava e interagira bastante. No entanto, quando mergulhado em seu universo particular, parecia abduzido por uma outra dimensão.

Trajava uniforme de goleiro, short e blusa de manga comprida preta, com reforços laterais e nos cotovelos, chuteira e meióes de cor cinza, adornados por um par de joelheiras. Mesmo assim, estava todo arranhado das defesas que fizera, e que narrava orgulhoso para o pai.

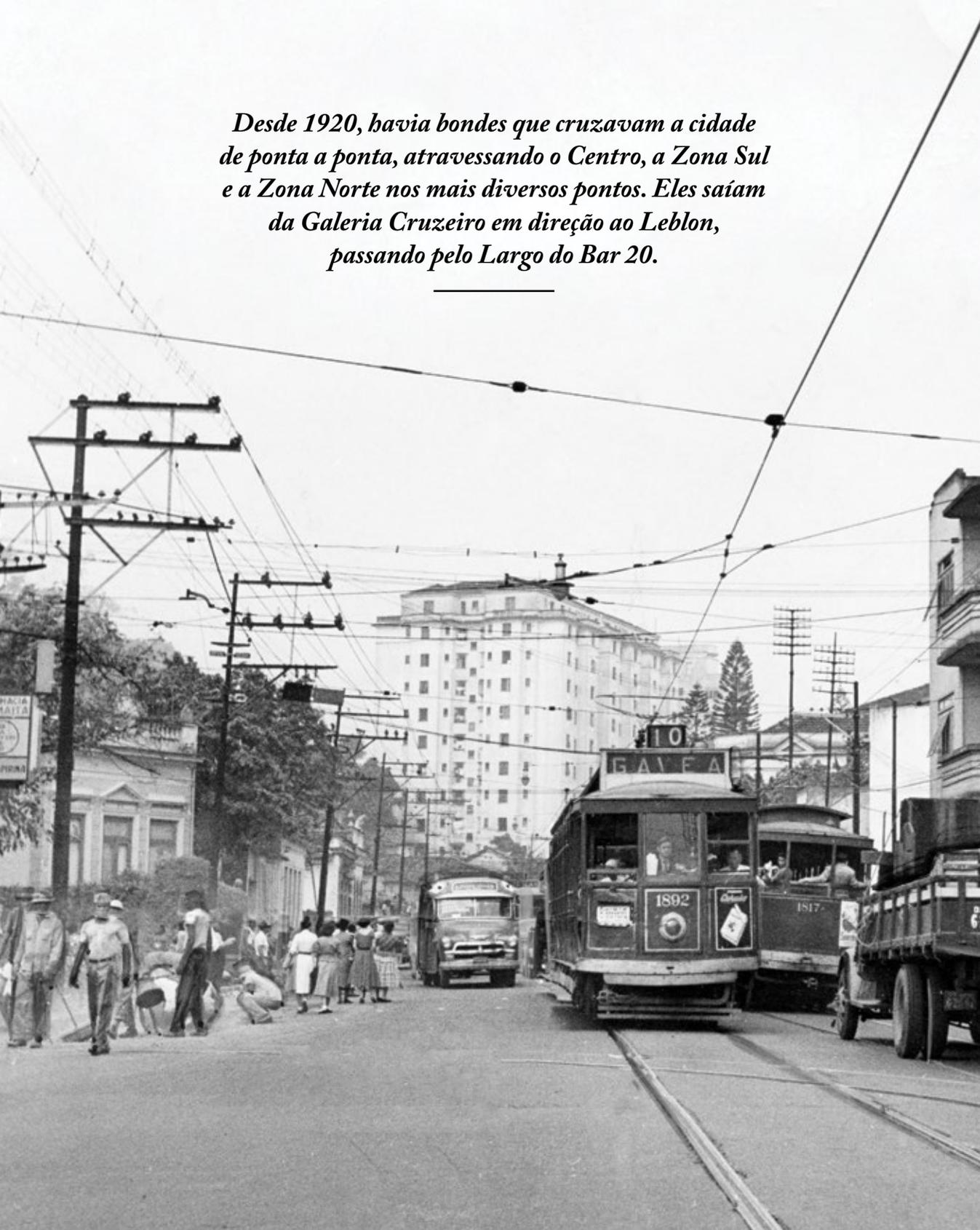
Tenho de reconhecer que este garoto tem talento para isto. É incrível. Ele parece antecipar as jogadas, e está sempre um segundo à frente do atacante.

O Menino era uma alegria para ele, um abastado comerciante emergente vindo do subúrbio, representante comercial da indústria têxtil da região serrana do Rio de Janeiro, que vivia em função de sua esposa, uma radiante estrela da Rádio Nacional.

— Mãe. Mãe. Cheguei.

O Menino entrou em casa correndo, gritando pela mãe, embora soubesse que, numa manhã de sábado, ela provavelmente estaria dormindo, após ter cantado em alguma boate até tarde na noite anterior. Como a Rádio Nacional não mais vivia seus tempos gloriosos, ela tinha de empenhar-se para manter-se ativa, com um mínimo de evidência, pois, afinal, ainda era a divina Elenita Rodrigues!

Desde 1920, havia bondes que cruzavam a cidade de ponta a ponta, atravessando o Centro, a Zona Sul e a Zona Norte nos mais diversos pontos. Eles saíam da Galeria Cruzeiro em direção ao Leblon, passando pelo Largo do Bar 20.



De fato, ao entrar no quarto, encontrou-a dormindo, com uma venda nos olhos, e seu Pai puxou-o pelo braço, sussurrando:

— Deixe sua mãe dormir. Vá brincar lá fora, um pouco. Mais tarde, você vai ter que se arrumar, pois vamos almoçar fora hoje, na Churrascaria Carreta.

— Obaaa!!! - gritou o Menino.

O Menino adorava a Carreta, um ícone de Ipanema, que, nas décadas de 60 e 70, fez um estrondoso sucesso.

— Quero “carninha” em fatias – concluiu, já com água na boca.

Ele se referia ao maravilhoso rodízio de maminhas de alcatra, que não eram servidas em espetos, mas já cortadas bem finas, e servidas numa bandeja de metal, em porções de duas ou três fatias. Era a única carne no sistema de rodízio, pois os demais pratos eram oferecidos à la carte.

Aqueles eram anos românticos de Ipanema, dos Cinemas Pax e Astória, da Casa Reis, da Foto Máximo, da Sorveteria do Moraes, pertinho do Bobs de azulejos da Garcia D’Ávila. Sérgio e Elenita frequentavam o Bar Alpino no Jardim de Alá, vizinho ao Garden, bem como o Bar Lagoa e o Veloso, na Montenegro dos ipanemenses. O chope do Castelinho também desfrutava de grande popularidade na Vieira Souto, bem como o Berro d’Água, lá em cima, no Panorama Palace Hotel, programa obrigatório para as noites de sábado.

A História de Ipanema estava apenas no início, e muitas manifestações culturais ainda iriam nascer nas ruas daquele bairro encantador.

O Menino desceu correndo em direção ao quintal, onde continuaria jogando bola sozinho até a hora do almoço. Era uma casa de dois andares, na esquina da rua Barão de Jaguaribe com a Aníbal de Mendonça. No segundo andar ficavam os quartos e, no primeiro, a sala, a copa, a cozinha e a área de serviço, que emendava com um quintal em L, nos fundos, voltado para o lado da Lagoa.

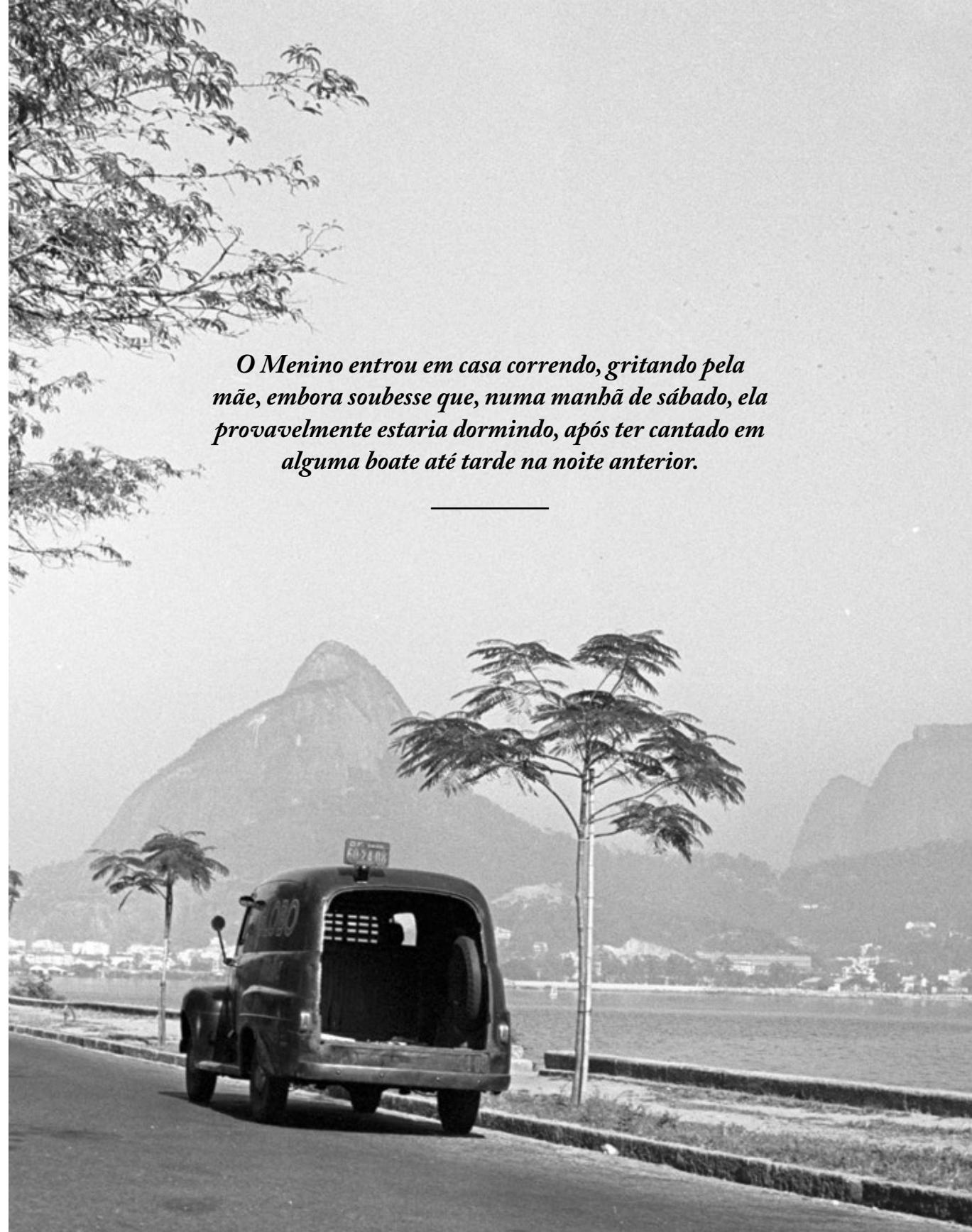
A porta da cozinha se localizava no lado mais curto do L, formando um pequeno corredor que dava acesso à área mais aberta do quintal, delimitada, de um lado, pelo muro confrontante com a casa do vizinho, e, do lado oposto, pela parede com o vitrô do banheiro.

O muro que separava a casa do vizinho media cerca de dois metros de altura e apresentava uma característica interessante. Os primeiros oitenta centímetros, contados a partir da base, eram inclinados, formando um ângulo de 75 graus em relação ao solo, e, a partir desta altura, formava-se um ângulo reto em relação ao piso de cimento.

Em outras palavras, se o Menino chutasse a bola em direção ao muro em sua parte mais alta, ela retornaria mais rasteira. No entanto, se ele a chutasse na base inclinada do muro, este a rebateria fazendo-a subir, simulando o efeito de um jogador adversário tentando encobrir o goleiro. E esta era a diversão.

Ele posicionava a bola logo em frente à porta da cozinha, como se fosse a marca do pênalti, e narrava a jogada vivendo dois personagens: o batedor e o goleiro. Uma vez chutada a bola, saía correndo para defender a parede em direção à qual esta seria rebatida, no caso, exatamente os vidros do vitrô do banheiro. Portanto, só dispunha de duas alternativas: ou bem concluía a defesa, ou quebrava os vidros

O Menino entrou em casa correndo, gritando pela mãe, embora soubesse que, numa manhã de sábado, ela provavelmente estaria dormindo, após ter cantado em alguma boate até tarde na noite anterior.



do banheiro, sujeitando-se à ira de seus pais, que não cansavam de recomendar-lhe um enorme cuidado com as janelas.

Mas ele sempre fazia uma ponte sensacional e defendia a bola, caindo com ela entre os braços, no chão duro de cimento.

Chegava, inclusive, a experimentar uma sensação curiosa que não entendia muito bem, e que, por isso mesmo, guardava para si como um segredo.

Nos momentos críticos de uma defesa, geralmente nas jogadas mais rápidas, à queima roupa, ele tinha a sensação de ver a cena em câmera lenta, conseguindo, assim, antecipar com precisão o movimento da bola, e atirando-se sobre ela na direção e no tempo certos.

Era como se soubesse exatamente o local onde estaria a bola, antes mesmo da chegada desta. Jamais havia relatado sua impressão a quem quer que fosse, primeiro por não ter a quem contar, segundo porque tratava-se de uma coisa meio absurda, que parecia loucura. Afinal, o tempo era um só, e não poderia passar de forma diferente apenas para ele!





Todos notaram o momento em que elas entraram na “prainha”, de mãos dadas, supostamente mãe e filha, naquela manhã de sábado de 1962. A mãe era uma mulher bonita e logo chamou a atenção de todos. Os dois amigos que conversavam próximos da entrada ficaram imediatamente em silêncio para acompanhar o movimento do caminhar daquela loura imponente. Um deles logo cutucou o amigo comentando:

— Você assistiu Gilda? Esta mulher não parece a Rita Hayworth?

— Pelo visto haverá outra mulher como Gilda - respondeu brincando.

Enquanto alguns homens não tiravam os olhos da mãe, outros olhares menos libidinosos não tinham como não notar a Menina, que, por um curioso acaso, em nada lembrava sua genitora. Aparentando cerca de oito anos, seus cabelos morenos adornavam um rosto delicado, em um estilo marcado pela ingenuidade e elegância que mais a faziam parecer filha da Audrey Hepburn, do que da mãe que a conduzia pelas mãos. Estava bem vestida de acordo com a última moda época, assim como a mãe, trajando um vestido cinza, com a cintura bem marcada e a saia rodada com estampas de bolinhas em preto e branco.

Caminhavam pela extensão da “prainha”, enquanto a menina, com brilho nos olhos, buscava uma melhor posição para observar o local. Assim era conhecido, na época, o grande terraço no alto do Aeroporto de Congonhas, que hoje não mais existe. Sem praia para o seu lazer, o paulistano frequentava o aeroporto nos finais de semana para ver o movimento dos aviões. Eles eram bem mais charmosos naquela época, com jardins muito bem cuidados entre as estações de passageiros e os pátios, no lugar das áreas operacionais frias e funcionais dos terminais de hoje em dia.

Maria Eulália, mãe da Menina, estava calma e amorosa naquela manhã, em um dos raros intervalos entre as suas constantes oscilações de humor. A Menina desejava aproveitar cada instante daquele dia, ainda mais porque o pai, a quem adorava, chegaria em um voo internacional, vindo de Nova Iorque, que pousaria em uma hora, razão pela qual ambas se dirigiram ao terraço para aguardá-lo.

A mãe arrumou uma boa posição para a filha, e esta fitava, fascinada, a movimentação no pátio. Conhecia cada um daqueles aviões, inclusive os que havia montado em uma coleção de miniaturas que guardava cuidadosamente no armário de seu quarto.

Os elegantes Lockheed Constellation eram os mais sofisticados aviões daquele tempo, e eram empregados em grande parte dos voos internacionais, operados na época em Congonhas, que, hoje, só abriga rotas domésticas. Seu pai chegaria a bordo de um destes, lembrou a Menina, enquanto observava um modelo semelhante taxiando pela pista, antes de decolar. Observou o Convair, à sua direita, tão típico nas linhas domésticas brasileiras quanto o DC-3, ambos parte de sua coleção de miniaturas. Logo à sua frente, um Curtiss C-46, que ela

já havia ganho de seu pai, mas não tivera tempo ainda de montar, iniciava o embarque dos passageiros, enquanto, ao fundo, via-se um Dart Herald, que viria a ser substituído pelo jato One-Eleven na década de 1970. Naquela tarde, como o Electra II ainda não operava, não podia ser observado em circulação pelas pistas. Porém, alguns anos depois, viria a monopolizar o cenário, tornando-se o avião símbolo dos anos de ouro da ponte aérea.

O grande interesse da Menina por aviões era facilmente justificável pela profissão do pai, um comandante de voos internacionais da extinta Panair, naqueles tempos românticos da aviação.

— Mãe, mãe. Olha lá, se aproximando, é o avião do papai!

Todos ao redor olharam na direção indicada pela Menina e, lá estava, apontando no horizonte, o imponente Constellation, que fez um pouso suave e seguro, para deleite de toda a plateia.

— É meu pai que está pilotando! É meu pai que está pilotando! - a menina repetia para todos ao redor, enquanto se esticava na ponta dos pés para ver melhor a aterrissagem.

Elas agora corriam pelo corredor, rindo, em direção ao portão de desembarque que lhes traria o Comandante.

Meus Deus, como seria bom se minha mãe estivesse sempre assim.

A menina pensava enquanto observava a mãe, ansiosa, que olhava fixamente para o portão de desembarque, finalmente aberto. O Comandante Botelho trajava uniforme da Panair Brasil, azul-escuro, com broche no peito, quepe e berimbelas de cinco faixas, traje que habitou o imaginário da menina durante toda sua infância

Logo que viu a Menina, tirou o quepe, largou a mala, e ajoelhou-se para abraçar a pequena que vinha correndo em sua direção. Ele a

segurou nos braços rodopiando-a no ar várias vezes, até que ele a colocou no chão, abraçando-a e a seguir se distanciando um pouco para olhá-la melhor.

— Ora, ora, como está você, minha princesa?

Há cerca de um mês, o pai estava pilotando uma série de voos, e passando por um período de treinamento na sede da Lockheed Martin, na área metropolitana de Washington. O Comandante abraçou a mãe, que o recebeu com um beijo ardente.

Nossa, mamãe está outra pessoa em comparação ao humor de ontem.

Caminharam em direção ao estacionamento do aeroporto, onde a mãe guardara o carro, um Aero-Willys, sonho de consumo da classe média, que impunha respeito por onde passava. O pai o considerava melhor que o Simca Chambord, carro que se tornou lendário no seriado de televisão que fez grande sucesso na época, “O Vigilante Rodoviário”. Foi neste carro que o policial e seu fiel cachorro Lobo viveram suas aventuras tornando o Simca ainda mais famoso, mas o pai preferia o Aero Willys, por ser dotado de câmbio de quarto marchas sincronizadas e motor seis-cilindros de 110 cavalos.

O pai narrava com alegria a viagem, enquanto o carro deslizava pela avenida Rubem Berta e, em seguida, pela Vinte e Três de Maio, chegando então ao Vale do Anhamgabau. Após tanto tempo tendo de suportar a péssima comida Norte-Americana, o Pai estava doido por

uma refeição no Filet do Moraes, na Praça Júlio Mesquita. A Menina adorava as ocasiões em que o pai a levava para comer na região da Praça da República. Era louca pelos deliciosos sanduíches Bauru, no Ponto Chic do Largo do Paissandu, bem como pelas suculentas pizzas do Gato que Ri, no Largo do Arouche.

Seu pai era referência de proteção e de afeto, que ela enxergava como um contraponto às instabilidades da Mãe. Aquele era um dia mágico para ela, pois, há muito tempo, não vivia uma tarde de harmonia como aquela, e sentia que aquele clima de paz, embora presente em alguns momentos, vinha sendo cada vez mais ameaçado.

Chegaram ao restaurante e, antes de entrarem, a menina parou para admirar a altura do novo arranha-céu, o Edifício Andraus, então em fase final de construção, bem em frente ao restaurante, e que viria a entrar para a História da cidade pelo terrível incêndio que iria atingi-lo, dez anos depois. Sentaram e almoçaram alegremente, e, no final da refeição, foram ao apartamento no Pacaembu, ao encontro dos demais filhos, mais velhos, que não puderam ir ao Aeroporto. Naquela noite, antes de dormir, a Menina havia limpado cuidadosamente a sua coleção de modelos de montagem da Revell. Aquelas peças raras e de difícil aquisição no Brasil costumavam ser trazidas pelo Pai de Nova Iorque. Naquela viagem, no entanto, ele não trouxera nada. Dormiu pensando.

Meu Deus, como seria bom se todos os dias fossem assim.